

ONDJAKI



ynari

a menina das cinco tranças

Ilustrações de
Joana Lira



Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 2004 by Ondjaki e Editorial Caminho S.A., Lisboa
Copyright das ilustrações © 2010 by Joana Lira

Edição apoiada pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas/ Ministério
da Cultura de Portugal



A editora optou por manter o vocabulário vigente
em Angola, observando as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990.

Capa
Helen Nakao

Preparação
Sílvia Massimini Felix

Revisão
Arlete Zebber
Veridiana Maenaka
Luciana Baraldi

Fotos das ilustrações
Eduardo Delfim

Tratamento de imagem
Simone R. Ponçano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondjaki
Ynari: a menina das cinco tranças / Ondjaki ; ilus-
trações de Joana Lira. — São Paulo : Companhia das
Letrinhas, 2010.

ISBN 978-85-7406-435-2

I. Literatura infantojuvenil I. Lira, Joana. II. Título.

10-04919

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

Para escrever uma estória como esta, eu tive que espremer um sonho.


Ora, espremer um sonho, como se sabe, não é uma coisa muito fácil de se fazer, por isso muitas vezes pedimos ajuda aos nossos amigos. Por vezes, os nossos amigos não sabem que nos estão a ajudar, mas a verdade é esta: uma frase dita tem muita força, um abraço tem muito encanto, um olhar tem (pelo menos) mil gotas de sonho...

Não posso deixar de agradecer, aqui, a algumas crianças adultas que de vez em quando me emprestam gotas dos sonhos deles: Vergílio A. Vieira, Dada, Dario de Melo, Jacques dos Santos, Danuta e todas as vozes, deste e do outro mundo, que estão sempre comigo quando escrevo.

Ondjaki

Para todas as crianças angolanas
e para as crianças de todo o mundo

e para ti, Angola



Era uma vez uma menina que tinha cinco tranças lindas e se chamava Ynari. Ela gostava muito de passear perto da sua aldeia, ver o campo, ouvir os passarinhos e sentar-se junto à margem do rio.

Certa tarde, já o sol se punha, Ynari ouviu um barulho. Não eram os peixes que saltavam na água, não era o cágado que às vezes lhe fazia companhia, nem era um passarinho verde. Do capim alto saiu um homem muito pequenino com um sorriso muito grande. E, embora ele não fosse do tamanho dos homens da aldeia de Ynari, ela não se assustou.

O homem muito pequenino andava devagarinho e devagarinho se aproximou.

— Olá! — cumprimentou.

— Olá — respondeu Ynari, receando que estivesse a falar alto demais para o tamanho do ouvido do homem muito pequenino. — Desculpa, mas não sei o teu nome...





— Eu também não sei o meu nome... — desculpou-se o homem muito pequenino. — Mas chamam-me homem pequenino.

— Ah, está bem... — sorriu Ynari, enquanto se deitava na relva para ficar mais perto dele. — Eu tenho um nome só, quer dizer, uma só palavra: chamo-me Ynari.

— Ynari é um nome muito bonito — o homem pequenino sentou-se, ficando, assim, ainda menor.

— Posso fazer uma pergunta, homem muito pequenino?

— Podes fazer muitas perguntas.

— De onde vens?

— Venho da minha aldeia, que fica mais para cima, junto à nascente do rio.

— E lá, na tua aldeia, são todos pequeninos?

— Sim, somos todos menores que vocês, quer dizer, depende daquilo que entendemos por “pequeno”. Não achas?





— Nunca tinha pensado nisso. Sempre pensei que uma coisa menor fosse uma coisa pequena...

— Pode não ser assim... Conheces a palavra "coração"?

— Conheço! — sorriu Ynari. — E não é só uma palavra, é isto que bate dentro de nós — e mostrou no seu peito onde o coração batia.

— Claro, e... O coração é pequeno para ti?

— É... e não é! Cabe tanta coisa lá dentro, o amor, os nossos amigos, a nossa família...

— Vês? — disse o homem menor que ela. — Às vezes uma coisa pequenina pode ser tão grande...

Os dois ficaram por um tempo calados, olhando o sol que, do outro lado do rio, quase já tinha desaparecido. Assim, tão amarelada que estava a tarde, parecia que o sol se ia afogar no rio e que os peixes, saltando, se queimavam nos seus raios avermelhados.

Estiveram algum tempo assim, até que Ynari começou a brincar com as suas tranças: eram cinco tranças lindas, negras, compridas.

A menina tinha olhos enormes que brilhavam muito e lábios carnudos muito bonitos.

— E tu, de onde vens? — perguntou o homem menor que Ynari.

— Eu venho daquela aldeia ali — apontou a menina na direção das cubatas. — Vivo ali com a minha mãe, o meu pai, a minha avó e o meu povo.

— E quem te faz as tranças?